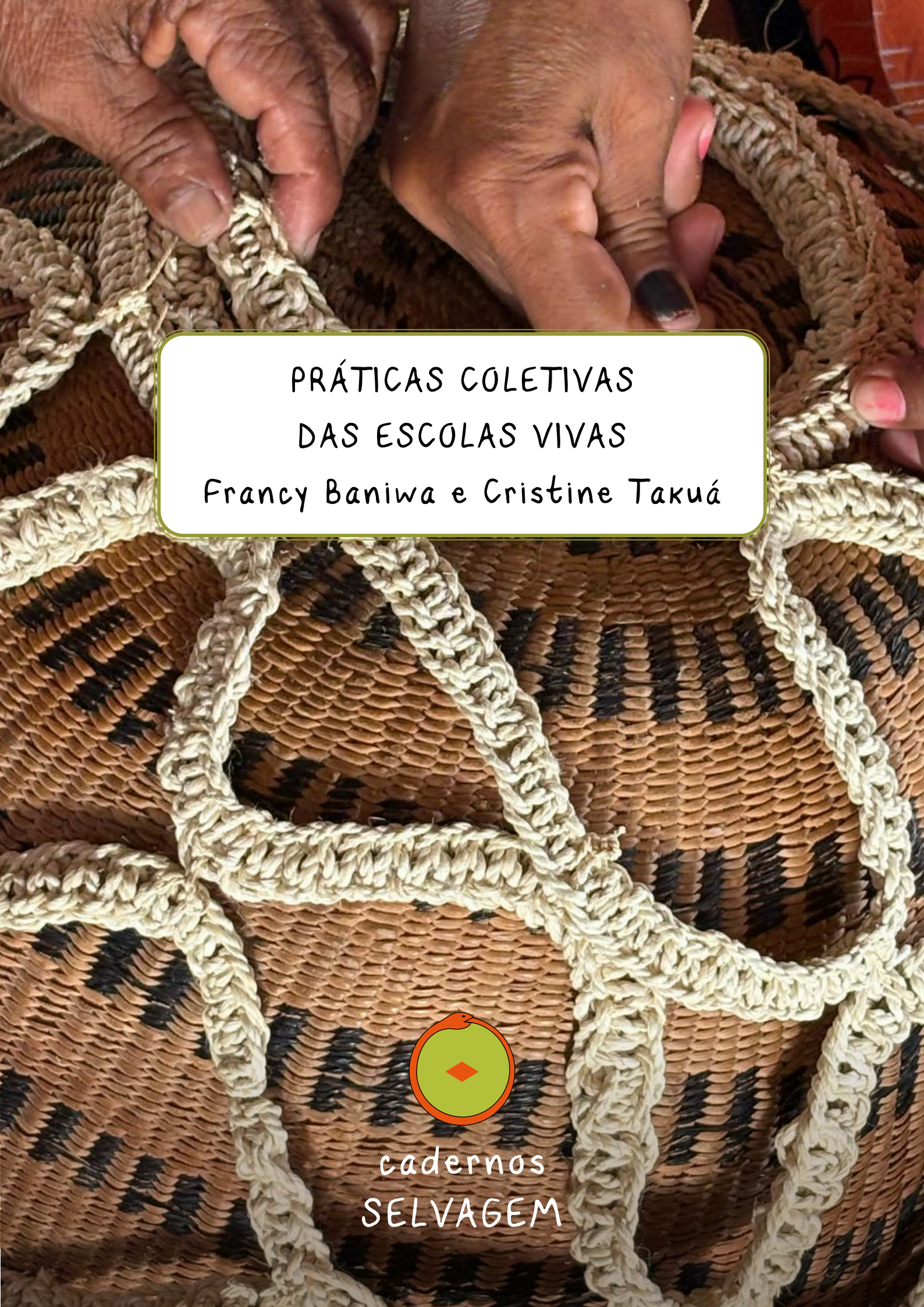
PRÁTICAS COLETIVAS DAS ESCOLAS VIVAS

Francy Baniwa e Cristine Takuá



cadernos SELVAGEM

Práticas coletivas das Escolas Vivas

Francy Baniwa e Cristine Takuá

Este caderno foi elaborado a partir da conversa entre Francy Baniwa e Cristine Takuá, gravada em maio de 2025, na comunidade de Assunção do Içana, no Amazonas, durante a inauguração simbólica da Escola Viva Baniwa Madzerokai. A conversa se transformou no Recado Selvagem 5 e pode ser acessada aqui.

Francy Baniwa

O povo Baniwa tem esse orgulho de serem pessoas de referência quando se diz sobre roça, né? Então, eu acho que essa questão da pimenta, da diversidade da mandioca, do cultivo, o domínio do território de lugares sagrados, isso nunca se perdeu. Acho que se perdeu um pouco essa questão da prática, do Kalidzamai[1], que é o ritual de iniciação feminino e masculino, e que precisa de Kowai[2] junto. Essa coisa que precisa ter alguém, porque, de fato, não é uma brincadeira. Então, o medo dos nossos conhecedores era: "quem sabe?" Para poder puxar a gente e a gente poder ir junto.

A gente não pode brincar com os seres vivos, porque a gente vai sofrer consequência. Então, isso era um grande medo de iniciar, de fazer o primeiro ritual, né? Então, acho que a saúva é esse lugar de referência, porque foi lá que nasceu, foi lá que teve o primeiro ritual masculino com os alunos, né? E a escola daqui sempre foi pioneiro em algo diferente. Pesquisas, mesmo que a educação não permitisse a gente pesquisar, eles pesquisavam, iam com meu pai, iam entrevistar todos os conhecedores, buscando entender sobre a história da comunidade, quem foi os primeiros habitantes, a importância do lugar sagrado, a origem do povo Baniwa...

1. Kalidzamai (em nheengatu, kariamã) refere-se a importantes rituais de passagem, principalmente os de iniciação masculino e feminino.
2. Kowai é uma pessoa da cosmologia Baniwa com várias formas e aparências, nascido com um corpo cheio de pelos e buracos por toda parte. Possui sons de todos os tipos de animais, que hoje são chamados de grupos de "animais sagrados".

E foram os alunos que foram pesquisando. Então, a gente sempre foi visto como uma comunidade que inova as coisas, que faz, que fura as bolhas para essas novas descobertas.

O meu tio Antônio falou uma coisa muito bonita. Essa transmissão do conhecimento, do seu pai dizer: "Meu filho faz isso." E você pega o seu material sem questionar e começa a fazer. Acho que isso é uma transmissão intergeracional, porque isso aconteceu com meu pai, agora o meu pai com os filhos, com os netos, ele com os filhos. Então, é um conhecimento que sempre esteve presente nesse mundo de Escola Viva, que é diferente, que é na prática, que é na vivência. Você entender a importância é você suar pra plantar uma roça, é você suar pra fazer uma farinha, é você entender que é importante cuidar da roça para que possa ter essa relação do cuidado. Você não vai fazer uma roça – porque foi tão difícil – e não cuidar. Então, todo esse conselho. Por isso que eu sempre falo que as narrativas sempre estão vivas e como esses benzimentos sempre estão presentes. Ñapirikoli sempre presente, Amaro sempre presente, Kowai sempre presente[3]. Parece que pra você se curar são eles que te curam, porque a conversa é com eles sempre, né? Ñapirikoli, Dzooli Ñapirikoli... Sempre tem onça no meio também, Dzaali Ñapirikoli. Então são pessoas que estão nesses outros mundos, mas, pra você se curar e se permitir comer um peixe pós-resguardo, a primeira iniciação, é eles que te permitem, eles que te autorizam. Você está conversando com essas pessoas presentes que nunca morreram, mas que estão aqui.

Então, acho que, nesse entendimento, o livro[4] é super importante, porque estão podendo ler e interagir com o que era esses outros mundos. Hoje a gente sabe apenas dessa vivência. Por isso que, às vezes, eu me orgulho de saber todas essas narrativas, que nem o meu pai. Meu pai sabe todas as narrativas e eu também sei, mas só foi possível porque escrevi, li, reli, questionei, interpretei, traduzi, e ficou, sabe? Ficou na minha cabeça. Então, poder compartilhar o *Umbigo do mundo* com os

3. Na cosmogonia Baniwa, os mitos do tempo do começo do mundo são protagonizados por Hekoapinai, gente-universo. Ñapirikoli, Amaro, Kowai e Dzooli são alguns dos Hekoapinai, que são citados em diversas narrativas.

4. Livro *Umbigo do mundo* (Dantes, 2023), de Francy Baniwa e Francisco Fontes Baniwa, ilustrado com 74 aquarelas de Frank Baniwa.

parentes e poder ser essa referência dessa memória viva de novo, do que estava nessa memória dos nossos avós, que estavam adormecidas. Hoje estão podendo ler e dizer: "É isso mesmo. É exatamente."

Então, acho que a Escola Viva veio pra fortalecer, sabe? Essa afirmação do nosso conhecimento: ela é bonita, ela é importante. A minha tia Bibiana estava falando: "O resguardo é importante, as regras são importantes, porque se não fosse isso, a gente estaria tudo desorganizado. Mas o que te coloca na linha são esses conselhos, são essas regras, são essas consequências." Então, poder apresentar para vocês esse mundo, pra Cris Takuá, que é uma parenta, pro Carlos Papá, que é um parente Guarani, poder mostrar para três povos diferentes um pouco do território de Assunção, onde está. Essa Escola Viva, que é uma coisa que a gente já vivencia.

Acho que uma coisa que a gente estava precisando era um pontapé de mostrar para a juventude que eles são os pioneiros. Eles são os protagonistas. Todo o conhecimento que os nossos pais têm hoje, a gente precisa se orgulhar, dizer: "Pai, e aí? Me conta mais. O que esse lugar significa? O que significa isso?" Acho que explorar mais os nossos velhos. É ouvir mais, é sentar e escutar, é pegar um banco e se deixar levar, sabe? Acho que não tem que ter uma hora. "Eu tenho uma hora para te ouvir." Não. O tempo tem que ser a longo prazo, assim. Quando ele terminar, ele te libera. Então eu acho que hoje a gente está podendo ter essa oportunidade de ouvir. Estão dizendo: "Estamos aqui. Agora é hora de vocês perguntarem." Então, a comunidade poder ouvir a Cris, dessa importância, dessa luta da educação diferenciada, de coordenar cinco escolas diferentes, de territórios diferentes, desafios diferentes. Isso dá essa outra bagagem de dizer como é diverso, de fato, os territórios. A questão linguística, a alimentação, os desafios… Tem outros que são iguais. Mas tem outros que são muito diferentes.

Então, a gente, a comunidade toda, está feliz de poder apresentar um pouquinho dessa vivência. Essa é a comunidade. Assunção sempre foi essa comunidade participativa que gosta de fazer Dabucuri[5], que gosta de receber. Gosta de homenagear, gosta de se despedir com cantos, com

5. Dabucuri (em Baniwa, poodali) é uma festa de oferecimento de frutas, peixes, carnes de caça, artes, comum aos costumes de diversos povos por todo o Rio Negro, em que também ocorrem vários tipos de dança, como maracá, embaúba, carriçú, japurutu, pithi etc.

dança, dizendo "volte sempre". Acho que é uma coisa bonita, né? Uma cara Baniwa mesmo nessa organização, assim da partilha da coletividade, a gente se orgulha. "Vamos levar isso para a roça, vamos te levar"... Sabe, assim? Conhecer, pisar, sentir. Porque eu acho que esse pisar, esse sentir que te coloca mais um passo, dizer: "é possível fazer coisas. É possível sonhar, se for em coletivo." Acho que tem pouco espaço para desanimar. Acho que é muito mais sonhos, esperança de fazer algo melhor, que não é só Assunção, é o território Baniwa todo.

A gente vai poder receber os parentes aqui, a gente vai poder oferecer essa formação que não existe. Então, a gente se torna de fato pioneiros nessa. E, se isso for possível, foi porque a gente teve essa parceria, essa aliança entre parentes, de você se espelhar e se orgulhar de outros territórios e você poder falar sobre aquele território de um jeito de dentro pra fora, né? Que é o seu mundo a partir do seu entendimento, a partir da sua vivência, a partir do seu olhar, seja jovem, mulher, adulto, sábio, ancião. É um território muito riquíssimo em memória, oralidade, ancestralidade, museu vivo, território vivo.

Eu sempre falo que a gente é apenas uma molécula aqui, se achando humano, ser humano racional. Mas a gente não é nada se tirar água, se tirar essa terra. Sem roça, sem beiju, a gente não sobrevive. Sem o ar, sem o Sol, sem a chuva. Sem os pássaros, sem os peixes, a gente não é nada. A gente não produz nada. Talvez a gente seja de fato uma célula que come, que só sabe comer e não faz nada. Acho que a humanidade tem esse papel de apenas saber devorar as coisas, porque o território não precisa da gente, a floresta muito menos. Ela sobrevive há anos sem presença humana. Então, a gente poder olhar para o nosso território e ter essa consciência, isso é uma coisa incrível, é maravilhoso.

Cristine Takuá

Pra nós, ter vindo aqui também teve um significado muito profundo. Eu fiquei refletindo muitas coisas e, nessa caminhada pelas Escolas Vivas, a gente estava se preparando para chegar até aqui. A gente já sentia e sonhou que seria algo muito profundo e por isso que eu fiz muita

questão de trazer meus filhos também para sentir, para vivenciar, apesar da distância e tudo. Mas tudo que a gente está vivendo aqui, a fala de cada um… Eu fico assim, profundamente emocionada mesmo, de acreditar nesse sonho das Escolas Vivas e de ver você fazendo essa ponte entre os mundos. Eu vejo isso, você caminhando para lá e para cá, mas aqui, inteiramente aqui, apesar de lá. E é lindo pessoas que fazem ponte entre os mundos, mas que têm essa base muito sólida e muito estruturada, com seu pai, com sua mãe, com suas irmãs, com a sua família, com a comunidade, né? E isso é o mais valioso, na verdade, na vida. E a gente pôde ver e sentir isso, né? Porque uma coisa é a gente falar, porque muita gente fala em palestra e tal, mas viver, botar o pé no chão e sentir e tudo isso, é o que realmente é verdadeiro.

Então, chegar aqui, eu senti: é tudo verdade, né? A Escola Viva é tudo verdade, no sentido de que muitos aqui falaram, aqui já é um território de Escola Viva. E eu tenho falado isso em muitos lugares que todo o território indígena é escola viva. Só que muita gente se esquece ou deixa de praticar. Então, dentro desses desafios todos e do processo histórico de cada um, às vezes fica muito difícil o fortalecimento que vocês estão conseguindo fazer aqui. Então, esse empurrãozinho – que acho que seu pai falou ou o Miguel, não sei – é, na verdade, que a gente chegou para dar as mãos para falar: "não, vamos remar junto, vamos seguir junto, porque é muito potente". E sentir as crianças dançando e tocando e toda aquela energia que veio daquela roda toda me emocionou muito. Até meu filho pequeno falou: "Uau, que incrível!" Porque está todo mundo fazendo com amor, com alegria. Não tem um cansaço, não é um faz de conta, é tudo verdade. E eu fico muito emocionada. Cada vez que Kauê fala assim, porque ele é muito observador das coisas, e para mim me emociona muito, porque todo o relato do Miguel é um relato do que eu sinto, embora mais nova que ele, de todo esse sonho... Mas, ao mesmo tempo, uma tristeza de sentir as escolas e esse movimento todo da escolarização de um modo violento de atravessar os nossos corpos, as nossas memórias, os nossos territórios e fragilizar muito essas relações da coletividade.

Então, quando a gente vem com esse impulso das Escolas Vivas, a gente percebe que é possível, sim, e que está acontecendo lá nos

Maxakali, aqui, lá nos Huni Kuĩ, no território Guarani. Isso é tão bonito porque é um processo que a gente vai... É como tecer, né? Vai tecendo uma trama. Quando você vê, a coisa já está muito grande. E aí, a partir disso, você pode criar o que você quiser. Essas artes do processo coletivo, elas estão se fazendo acontecer nas Escolas Vivas. Então, para mim foi muito… está sendo muito profundo esse estar aqui agora. E poder receber essa energia de vocês é como um ânimo. Como animar a nossa alma também para a gente voltar para o nosso território, enfrentando os nossos desafios com mais leveza, com mais coragem.

E perceber que o Selvagem também é um impulsionador. É também um fazer ponte entre os mundos, porque esse diálogo entre as ciências todas e muitas das que foram deixadas de lado, quando você traz toda a narrativa do *Umbigo do mundo* e tantas narrativas que o Selvagem está trazendo, é uma valorização tão profunda que eu fico assim até hoje me questionando por que que nunca ninguém pensou em fazer isso dentro das academias, das universidades. E aí vem esse coletivo, que é tão pequeno. Eu vejo, às vezes, Selvagem como uma coisa tão pequenininha, mas numa profundeza tão verdadeira, que está tocando as pessoas, está cutucando esse mundo careta e quadrado para perceber que as grandes ciências da floresta, elas resistem. E o berço delas, todo esse cuidado, está nesse processo de Escolas Vivas, que são os territórios vivos, com as florestas, com os saberes, com parto.

Então, ouvir as velhinhas também e todas aquelas mulheres tão alegres, tecendo e produzindo aquela arte é de uma beleza tão profunda que é até difícil falar, que me emociona muito mesmo, porque é como eu ver um sonho que eu sempre tive, sabe? Eu cheguei aqui, eu vi um sonho que eu tenho dentro de mim que é não deixar de acreditar que o coletivo existe, sabe? Não deixar de acreditar que, por mais que existam diferenças, existem lugares que estão nessa potência de alegria, de calor, de harmonia mesmo. Então, para mim, está sendo uma cura também de, às vezes, ficar refletindo muito sobre os desafios, mas a gente tem que focar no sonho e no fazer agora, no viver agora. E, nessa prática coletiva, a gente vê que as coisas estão acontecendo de verdade.

Então, eu tenho muito a agradecer a você, à sua força, à sua coragem, porque eu sei que não é fácil fazer pontes entre os mundos, mas

você está bem protegida, né? O seu pai te preparou para isso. A sua mãe te preparou para isso e todos os espíritos te guiam nessa caminhada. Por isso que tu tem tanta força, né? Então, eu agradeço muito a você, à Anna, ao Digo, ao Kauê, ao Djeguaká, ao Papá, que toparam essa missão de chegar até aqui, e de a gente estar todos juntos nessa grande aventura, que é, na verdade, um profundo aprendizado, né? Então é muita gratidão mesmo.

E aí queria te perguntar qual é o seu grande sonho dessa Escola Viva e dessa coletividade? Você também teve presente com os outros coordenadores. Qual é o seu sonho nesse projeto e toda essa relação que a gente está tecendo junto?

Francy Baniwa

Acho que esse sonho já é esse, que é ter um espaço. Acho que isso já é o início desse sonho de a gente poder ter umas casinhas pra cada um chegar nas suas casinhas e começar a tecer. De a gente buscar outras alternativas também, sabe? Aproveitar esse território tão grande pra fazer roça, uma roça coletiva pra plantar diversidade de maniva, mas também de frutas pra ser merenda da Escola Viva. Que seja orgânico, melancia, batata-doce, cará, tudo o que o solo nos permite, né? Que nos presenteia com essa fartura. É um sonho ter duas roças enormes, né? E poder ter a criação também de abelha pra gente compartilhar com as crianças, mas também gerar uma autonomia para a Escola Viva, de a gente poder criar essas outras alternativas sustentáveis que o território nos proporciona, né?

Mas acho que o mais de tudo é ter esse centro de formação pra apresentar os trabalhos, né? Fazer uma exposição pra comunidade, mas também uma exposição pro território Baniwa, de eles poderem descer, sair na Escola Viva e ver o trabalho. Que possa inspirar outras comunidades a dar essa continuidade. A gente poder receber os alunos também de outras comunidades pra chegar e querendo – "a gente quer aprender" –, "nós temos um alojamento, podem vir!" Então, sabe? A gente ter uma cozinha, a gente poder ter uma casa, um espaço que seja da escola, mas

da comunidade. Eu acho que isso é o maior sonho, assim, de ter um espaço nosso e divulgar que a gente tem a Escola Viva, tem um espaço assim pra receber pesquisador e pra receber parentes, apoiadores, parceiro e mostrar esse conhecimento riquíssimo que nós temos.

Acho que por muito tempo realizamos coisas pra nós sem o mundo conhecer. Mas, ao mesmo tempo, achei incrível que todo o conhecimento sempre esteve presente, a gente sempre dançou pra nós mesmo, fez Dabucuri pra nós mesmo. Eu acho que poder compartilhar um pouquinho agora com o mundo da existência dessas músicas, desses cantos, dessas artes, desses conhecimentos sobre o território, acho que isso fortalece a dizer pros parentes: "Vamos fazer, vamos escrever. Se é possível fazer, vamos sonhar com isso." Acho que isso me motiva mais, sabe? A inspirar outros parentes também, de outros territórios, a sonhar com isso. Acho que isso é o maior sonho. Acho que é ir ver esses velhos sendo valorizados. Isso é outro sonho de poder... Sabe? Acho que estar no lugar deles, de doutores, de mestre, de madzero. Ver essas mulheres sendo agradecidas pela partilha. Acho que isso é uma coisa que já está começando a acontecer. De dizer: "Cadê os conhecedores da comunidade, da Escola Viva?" Eles ficam em pé. Desse orgulho, do reconhecimento que nós temos nesses mestres de saberes.

Acho que… E poder crescer, crescer e… poder ser esse braço também de acolhimento pra outros parentes, porque acho que temos essa disponibilidade de dizer assim: "Vocês querem aprender a fazer Aturá[6]? Então venha, esse espaço é para a gente aprender essa troca, esse intercâmbio." Acho que é isso, assim, desses vários sonhos, né?

6. Aturá é um cesto grande de carregar mandioca.

Francy Baniwa

É mulher indígena, antropóloga, fotógrafa, escritora, dona de roça e pesquisadora do povo Baniwa, clã Waliperedakeenai, nascida na comunidade de Assunção, no Baixo Rio Içana, na Terra Indígena Alto Rio Negro, município de São Gabriel da Cachoeira/AM. Engajada nas organizações e no movimento indígena do Rio Negro há mais de uma década, atua e pesquisa nas áreas de etnologia indígena, gênero, saberes femininos, objetos e acervos, conhecimento tradicional, memória, narrativa, fotografia e audiovisual. Autora de *Umbigo do mundo: Mitologia, Ritual e Memória Baniwa Waliperedakeenai* (Dantes Editora, 2023), é a primeira mulher indígena brasileira a publicar um livro na área de antropologia. Desde 2024, é coordenadora da Madzerokai, Casa dos Conhecimentos Ancestrais, a Escola Viva Baniwa, na comunidade de Assunção do Rio Içana.

Cristine Takuá

Do povo Maxakali, é uma pensadora, aprendiz de parteira e educadora. É formada em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e foi professora por 12 anos na Escola Estadual Indígena Txeru Ba'e Kuai'. Atualmente é coordenadora do movimento Escolas Vivas e integra o conselho da Associação Selvagem. Vive na Terra Indígena Ribeirão Silveira, localizada na divisa dos municípios de Bertioga e São Sebastião, no estado de São Paulo, com seu companheiro, Carlos Papá, e seus filhos Djeguaká e Kauê.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A direção editorial é de Anna Dantes, a coordenação é de Alice Faria. A diagramação é de Tania Grillo. Mais informações em selvagemciclo.org.br

Todas as atividades e materiais do Selvagem são compartilhados gratuitamente. Para quem deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 5 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas. Saiba mais aqui: selvagemciclo.org.br/apoie

Cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2025